

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
ALEXANDRE SOUZA FRANCO

PARA SANAR O DESPREZO COM A ESCOLA PÚBLICA: DA REFLEXÃO À
PRÁTICA FILOSÓFICA EM SALA DE AULA

CURITIBA
2018

ALEXANDRE SOUZA FRANCO

PARA SANAR O DESPREZO COM A ESCOLA PÚBLICA: DA REFLEXÃO À
PRÁTICA FILOSÓFICA EM SALA DE AULA

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Práticas Educativas, do
Setor de Educação da UFPR, como requisito
parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof. Me. Aline da Silva Dias

CURITIBA

2018

“Aprender dá-me sobretudo prazer porque me torna apto a ensinar!”

(SÊNECA, Epistola 6).

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade sugerir uma proposta de atividade filosófica a partir da leitura e reflexão do texto “*Oração fúnebre de Péricles*”, para buscar sanar um problema que, ao longo dos anos, vem se tornando cada vez mais intenso, como é o caso da depredação do patrimônio público escolar. Problema que se apresenta da seguinte forma: diante do quadro de abandono e indiferença, principalmente por parte dos alunos, como a filosofia pode contribuir para amenizar a desvalorização para com o patrimônio público escolar? Ou seja, de que maneira a filosofia pode estimular um sentimento de pertença, por parte dos alunos de nível médio das escolas públicas estaduais, em relação ao ambiente escolar? Para dar cabo desta questão, o trabalho se estrutura em três seções. Na primeira, a atenção se voltou para a exposição do quadro de depredação no qual muitos colégios se encontram, com base nas pesquisas desenvolvidas por professores da rede pública estadual de educação apoiados pelo Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Em seguida, apresenta-se a filosofia enquanto saber de formação, ou seja, enquanto modalidade de conhecimento que procura, por meio de suas peculiaridades, demonstrar como é possível, a partir da reflexão filosófica e de um processo de formação humana, buscar resolver a problemática do vandalismo por parte de muitos alunos e a questão da indiferença por parte de alguns professores insensíveis ao problema. Na terceira, por fim, a proposta didático-filosófica é apresentada como sugestão de intervenção. Ela se divide em duas etapas na qual a primeira tem por objetivo a leitura, interpretação e reflexão do texto filosófico em sala de aula, na segunda, a parte prática, que estimula os alunos a proporem projetos de mudanças num ambiente do qual fazem parte durante um longo período de tempo, na perspectiva de deixarem o seu legado. Com isso, espera-se não só contribuir para o enriquecimento de propostas de atividades voltadas para o ensino de filosofia nas aulas do ensino médio, mas também contribuir para um ideal de pessoa humana que se perceba pertencente à determinada comunidade e valorize o legado cultural recebido, como é o caso da instituição escolar.

Palavras-chave: Ambiente escolar. Depredação. Educação. Filosofia. Formação Humana.

ABSTRACT

The present paper has as objective to suggest a proposal of philosophical activity starting from the reading and reflection upon the text "Pericles' Funeral Oration", to try to solve a problem that, along the past few years has become more and more intense, which is the case of the depredation of the property and heritage of public school. Problem that has been presented this way: Before the abandon and indifference, mostly shown by the students, how can philosophy contribute to lessen the devaluation of public school patrimony? That is, in what ways can philosophy stimulate a feeling of belonging on Middle and Junior High school students toward the school environment. To answer this question this paper is divided in three sections. In the first section, the focus is the exposition of the depredation itself at which many schools are found. The data has been provided by researches developed by public education teachers supported by Education Development Plan (PDE). In the second section we present philosophy as knowledge of formation, that is, a modality of knowledge that seeks, through its peculiarities, to demonstrate how possible it is, from philosophical reflection and of a human formation process, to try to resolve the problem of vandalism perpetrated by students and also the indifference from some teachers insensitive to the problem. Finally, in the third section, the didactic -philosophical proposal is presented as a suggestion of intervention. Such intervention is also divided in two steps, being the first the reading, interpretation and reflection of the philosophical text in the classroom. The second step being the practice, that stimulates the students to propose projects aiming changes in the environment they are active parts of, so they could leave their legacy. With that done, we truly expect not only to contribute to enrich the activities directed to the philosophy teaching at Middle and Junior High schools, but also to contribute to an ideal of human being that might have the perception of belonging to a particular community and therefore value the cultural legacy received, as is the case of scholar institutions.

Key words: School environment. Depredation. Education. Philosophy. Human formation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. O DESPREZO PARA COM A ESCOLA PÚBLICA.....	9
2.1 A ESCOLA E SEU CONTEXTO DE DEPREDÇÃO.....	10
3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	13
3.1 A FILOSOFIA COMO POSSIBILIDADE.....	14
3.2 A FILOSOFIA ENQUANTO FUNDAMENTO DA FORMAÇÃO HUMANA.....	17
4. PRÁTICA DIDÁTICA	22
4.1 PRIMEIRA ETAPA: A REFLEXÃO.....	22
4.2 SEGUNDA ETAPA: A PRÁTICA.....	27
5. CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade propor uma prática didático-filosófica para alunos de nível médio de escolas públicas estaduais, as quais se encontram em péssimas condições estruturais, devido a atos de vandalismos que ocorrem constantemente num ambiente que tem por finalidade a formação da cidadã.

A proposta de atividade filosófica vem em defesa de assegurar a integridade de um patrimônio público (a escola) que aos poucos vai se desvalorizando com a quantidade de agressões que vem sofrendo com o passar dos anos.

A falta de cuidado, de gestão, de manutenção, de preservação, tem sido alguns dos fatores que têm tornado o ambiente escolar um lugar desconfortável tanto para professores quanto para alunos, bem como, para todos os que fazem a escola.

Observa-se em muitas escolas públicas estaduais, o quanto estão depredadas, isto é, desde carteiras riscadas, paredes pichadas, vasos sanitários, tanto masculino quanto feminino, quebrados, banheiros sem portas e espelhos, quadros negros pintados de corretivos, chicletes debaixo das mesas e carteiras, pratos e talheres do refeitório jogado atrás de alguns muros, a aparelhos como televisores, ar-condicionado, ventiladores, computadores, projetores, danificados.

Quadro este que tem refletido não apenas nos índices educacionais, mas, principalmente, tem contribuído para a desvalorização da escola, para o descaso, por parte, sobretudo, de muitos alunos, principais agentes dos danos causados à estrutura predial das escolas, que em diversos casos, têm se observado a indiferença por parte deles, em relação a um lugar onde passam considerável parte do tempo e, que veem a escola como se esta não fizesse parte integral de suas vidas, se for considerada a quantidade de anos que alguém leve para se formar.

Problema este que se configura da seguinte maneira: diante do quadro de abandono, descaso e indiferença, principalmente por parte de alguns alunos, como a filosofia, pode contribuir para amenizar a desvalorização do patrimônio público escolar tão caro para a formação do cidadão? Ou seja, como a filosofia pode estimular um sentimento de pertencimento, por parte dos alunos de nível médio de escolas públicas estaduais, em relação ao ambiente escolar? E, mais, qual a contribuição da filosofia, de maneira prática, para a tomada de consciência sobre

a importância da escola não só para os alunos, mas para a sociedade como um todo?

Para dar cabo dessa questão, é que o trabalho busca propor uma atividade para ser desenvolvida dentro da sala de aula, na qual o aluno se torne o principal agente de mudança, de determinada mentalidade destrutiva, que tem causado grandes danos ao patrimônio público escolar.

Por meio da reflexão do texto “*Oração fúnebre de Péricles*”, encontrado na obra *História da guerra do Peloponeso*, de Tucídides, busca-se, num primeiro momento, retirar os valores fundamentais da cultura grega que chegaram até os dias de hoje, principalmente o valor dado à democracia. Num segundo, a parte prática, consiste em levá-los a fazer, fabricar, criar, algo que intervenha, diretamente, na estrutura da escola, enquanto melhoria do paisagismo – para que se torne um ambiente confortável e agradável para se estar – como, pintura, pequenos reparos, confecção de lixeiras, rampas de acesso, jardins, hortas, ou até mesmo uma pequena praça, reforçando a ideia de legado, dos alunos para com a posteridade.

Para obter sucesso na formulação da proposta de atividade e, para melhor compreensão, o desenvolvimento deste trabalho encontra-se estruturado em três seções. Na primeira, busca-se, a partir dos estudos dos professores da rede pública estadual de educação do Paraná, em seus trabalhos apoiado pelo Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), fazer a exposição do quadro de abandono e depredação em que as escolas públicas estaduais se encontram.

Na segunda, procura-se fomentar a importância da filosofia enquanto saber de formação, para a tomada de consciência, ou seja, busca-se enfatizar o valor que a reflexão filosófica tem para demonstrar as diferentes possibilidades de pensamentos, necessárias para encontrar soluções para o problema da falta de conscientização para com a preservação do patrimônio público escolar. Isto é, demonstrar a filosofia e suas peculiaridades, bem como, aquilo que a torna diferente das outras disciplinas escolares.

Por fim, na terceira seção, busca-se detalhar o passo a passo da atividade (proposta de intervenção para o descaso, indiferença e desprezo para com a escola pública por parte de muitos alunos), que se decompõe em duas etapas. A primeira de forma reflexiva, enquanto a segunda, se configura de maneira prática, ou seja, aquela consiste em conscientizar o aluno acerca do problema levantado;

esta procura incentivar os alunos na execução de reparos, de algo que seja de fácil conserto/solução, para depois dar início a um projeto mais ousado.

Com isso, espera-se contribuir, não apenas, com a criação de um material (atividade) de apoio para professores que lecionam aulas de filosofia, ou, um trabalho científico, mas, sobretudo, com a reflexão acerca de um problema pulsante para toda a área da educação pública que estão com os seus patrimônios em estado de calamidade estrutural. O que torna esse trabalho de pesquisa atual, pois busca amenizar um problema evidente nas escolas e, de caráter relevante, na medida em que convida todos do ambiente educacional a cogitarem sobre as causas do descaso para com uma instituição de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual, cidadão e social do país.

2. O DESPREZO PARA COM A ESCOLA PÚBLICA

Nesta primeira seção, a tarefa a ser alcançada pelo presente trabalho é a exposição, a partir das pesquisas desenvolvidas por professores da rede pública estadual de educação, do quadro de abandono que os colégios públicos estaduais se encontram. Quadro este, denunciado pelos educadores que atuam nesses colégios e que, em muitos casos, são os mais sensibilizados com a questão da destruição de um patrimônio público necessário para a formação cidadã.

Embora o conceito de patrimônio público englobe uma demanda numerosa de coisas, tais como uma série de bens e direitos de valores históricos, artísticos, econômicos, estéticos, ou turísticos, pertencentes direta ou indireta às entidades da administração pública (GARCIA, 2004). O que interessa para essa primeira parte, diz respeito ao que se entende por patrimônio escolar, ou seja, a escola enquanto instituição de ensino.

A escola, embora tendo, de acordo com o Caderno de Orientações para a Preservação dos Prédios Escolares, um conceito amplo que abarca uma gama de bens tanto material como a estrutura física concreta dos prédios, quanto de bens não materiais como os chamados bens intangíveis que se referem ao projeto político pedagógico, à filosofia, à cultura, à tradição, à história e seus símbolos, etc., ou seja, a identidade da escola (BANAZSESKI, 2012, p. 32). O recorte a ser demonstrado nesta seção, diz respeito aos danos causados na estrutura física das escolas, pois, se entende que a depredação na estrutura concreta é mais tangível de análise do que na estrutura imaterial, uma vez que esta, para ser analisada demandaria um esforço digno de uma dissertação de mestrado e, não apenas, um pequeno ensaio.

Por sua vez, embora a tarefa de analisar o patrimônio imaterial de uma escola seja um trabalho árduo, isso não significa que a mesma não possa ser compreendida a partir da análise do patrimônio físico, pois, uma vez que se deflagra a destruição predial de uma instituição de ensino, talvez seja possível inferir que os valores (ideais pedagógicos) que dão sustentação a estrutura concreta já estejam debilitados. Neste sentido, busca-se adiante, fazer uma descrição do quadro de depredação e abandono em que a maioria das escolas públicas estaduais (aqui se refere ao estado do Paraná) se encontram.

2.1 A ESCOLA E SEU CONTEXTO DE DEPREDACÃO

A incidência do fenômeno da depredação do patrimônio público escolar tem sido objeto de pesquisa de vários professores que atuam na rede estadual de educação. Segundo esses estudos, “[...] As pesquisas desenvolvidas pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana - ONG RITLA demonstram que a depredação e as pichações estão em primeiro lugar nos tipos de violência nas escolas [...]” (BANAZSESKI, 2012, p. 40). Índices estes que têm despertado o interesse de muitos educadores em relação ao problema constatado.

De acordo com os estudos dos professores da rede estadual de educação paranaense, as estruturas precárias dos ambientes escolares estão afetando o convívio em sala de aula, bem como, o desenvolvimento da aprendizagem. Para muitos educadores, a estrutura precária é motivo de desmotivação para os alunos que se sentem desconfortáveis com um ambiente inóspito e, que por sua vez, os levam ao abandono escolar. De acordo com as pesquisas:

Duas em cada dez escolas brasileiras estão depredadas. Entre os problemas, portas e janelas quebradas, brinquedos mal conservados e paredes e muros pichados. Diante desse cenário, especialistas alertam para a interferência do ambiente na qualidade do ensino e do aprendizado. Uma estrutura deficiente torna as atividades de alunos e professores mais complicada e pode contribuir, inclusive, com a evasão de estudantes (BANAZSESKI, 2012, p. 11).

Para além, quando se refere aos detalhes mencionados acerca da questão estrutural. Isto é, ao se tratar sobre o abandono escolar e as relações conturbadas no ambiente educacional, deve se levar em consideração também (e principalmente) a estrutura física das salas de aulas, em que na grande maioria, possuem salas pequenas com janelas de formatos retangulares no alto das paredes que evitam, dessa forma, melhor ventilação e, ocasionam um ambiente sufocante devido o pequeno espaço lotado e sem ventilação adequada.

Em muitos casos, como o mencionado acima, a sonolência, provocada pela pouca circulação de oxigênio, agregada ao calor, leva o aluno a distrair-se da aula e de maneira inconsciente (ou consciente) passa a rabiscar nas carteiras e paredes.

Em contra partida, os ambientes mais organizados e bem estruturados, as aulas tendem a fluir melhor, há interação entre alunos e professores. Estes por

sua vez, costumam serem atraídos pelos colégios com melhores infraestruturas, onde os profissionais se sentem motivados.

Em muitos casos, se os professores puderem escolher aonde querem atuar, escolherão ambientes escolares mais organizados porque as instituições mais antigas tendem a demonstrar problemas estruturais mais sérios. Ato falho administrativo que se não resolvido, ou mantido por longo período de tempo, costuma macular o local e dessa forma gerar um círculo vicioso no qual onde há as instituições com as melhores infraestruturas, são igualmente, as que possuem melhores profissionais e vice-versa. Ou seja, onde há colégios com estruturas precárias, maiores os índices de dificuldades para encontrar bons profissionais que queiram ir para determinada localidade.

A partir dessa perspectiva, os alunos que não se sentem parte da escola, e são indiferentes ao ambiente já depredado, “[...] ficam andando ou correndo de um lado para outro nos corredores entre as salas, ou ficam dentro das salas, o que geralmente acaba em depredação ou prática de “brincadeiras” agressivas (MAIA, 2009 apud BANAZSESKI, 2012, p. 40).

A violência nas escolas tem sido um tema corrente em várias localidades. Tem chamado a atenção de especialistas principalmente pela variedade de situações que demandam uma reflexão sobre as variáveis que influenciam o contexto de violência. De acordo com o levantamento de estudiosos:

As numerosas pesquisas realizadas por Blaya, (2002), Devine, (2001), Debrarbieux, (2002), Waiselfisz, (2008), indicam que a violência nas escolas é um problema mundial, constata Santana e Gomes (2010) e acontecem em várias localidades, não sendo restritas as grandes cidades e capitais. Para Sposito (2002), este fenômeno está presente tanto em escolas de caráter disciplinar rígido quanto em escolas permissivas e desorganizadas (BANAZSESKI, 2012, p. 41).

Os diferentes aspectos da violência no ambiente escolar derivam em muitos casos, sobretudo, da má estrutura em que a escola se encontra, uma vez que o desmazelo com a estrutura predial dá a entender que o ambiente é território de disputa e demarcação, no qual vale deixar sua marca, ou seja, o ambiente sem zelo implica dizer que a apatia impera e que tanto faz, se está pichada ou não, não faz diferença alguma.

Talvez, seja por esse motivo que, dentre os tipos de violências mais comuns no ambiente escolar tais como as agressões verbais, os xingamentos, o

desrespeito, o *bullying*, as brigas no horário de recreio e os pequenos furtos, estejam em primeiro lugar na lista dos professores que atuam nessas escolas, por não perceberem que a causa de toda a micro-violência (os xingamentos e agressões verbais, por exemplo) é o resultado de um ambiente depredado.

Ora, dessa maneira, se pode inferir que para os profissionais da educação, ou seja, para os professores, o que mais os têm incomodado são as agressões verbais e xingamentos dentro da sala de aula, sem se darem conta de que a cultura da falta de civilidade, talvez esteja num ambiente pichado e depredado, como é o caso do ambiente escolar.

Caso que impressiona e chama a atenção, para o fato de demonstrar que o descaso com o patrimônio público escolar tem um caráter de menor importância diante das micro violências, pois o estado de vandalismo da estrutura predial da escola, não incomoda tanto os docentes quanto um desrespeito verbal. O que sugere que talvez a falta de um sentimento de pertença, por parte inclusive do corpo docente, contribua para a depredação do patrimônio escolar.

A esse respeito se poderia questionar sobre o caráter coletivo da escola, ou seja, será que a escola está sendo um espaço que fomenta a questão democrática, no que tange ao cuidado com a coisa pública? Dito de outra forma, existe de fato, uma democratização do cuidado em relação ao patrimônio público escolar? Ou a comunidade escolar, como um todo, tem se esquivado e se tornado indiferente diante de um patrimônio público tão caro para a manutenção de uma sociedade democrática?

Sobre essa questão, isto é, a falta de comprometimento com a preservação de um patrimônio que tem por finalidade a transmissão do conhecimento formal, a formação cidadã e a qualificação para o trabalho, no que a filosofia poderia intervir?

A seguir, a pretensão é fomentar o caráter formativo da filosofia enquanto saber, para que, a partir dela, se possa vislumbrar uma perspectiva de intervenção para buscar mudar o quadro degradante apresentado anteriormente.

3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Na seção anterior buscou-se expor o quadro de depredação das escolas públicas estaduais, a partir da perspectiva dos trabalhos desenvolvidos pelos professores da rede pública estadual de educação do Paraná. Nela se percebeu que para além de um ambiente já degradado estruturalmente há fatores que contribuem ainda mais para a questão do descaso para com o patrimônio público escolar. Entre eles, o vandalismo por parte dos alunos que frente a um local totalmente inóspito e sem zelo, o ambiente da escola se torna alvo de disputa e mais depredação. Pelo lado docente, se percebeu que, o que mais os agride são as palavras de baixo calão, por meio de xingamentos e desrespeitos, deixando em segundo plano a questão da depredação da escola. Demonstrando assim que tanto da parte dos alunos como dos professores existe certo grau de indiferença frente ao patrimônio público escolar. Quadro este que tem influência direta na convivência dos integrantes da comunidade escolar, na qualidade da educação, bem como, na formação de novos cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

Com base nisso, nesta seção procura-se fomentar a importância da filosofia enquanto saber de formação, ou seja, conceber a filosofia enquanto conhecimento diferenciado que convida ao debate e à tomada de consciência sobre a importância da preservação do patrimônio público escolar por parte de todos. Ou seja, demonstrar que para além da preservação de algo comum a todos, como no caso da escola, a filosofia tem uma preocupação maior, neste caso, com a educação. Esta entendida aqui como formação integral do ser humano. Pois, a filosofia visa a totalidade das coisas, o que implica dizer que a partir da perspectiva filosófica deve se deixar qualquer pretensão individual e ir em direção ao coletivo, uma vez que só se filosofa quando se transcende os interesses imediatos (CHITOLINA, 2015, p. 39). Desse modo, a filosofia se apresenta como possibilidade, ou seja, como algo diferente que permite a reflexão e o debate para vislumbrar uma maneira de amenizar a depredação do patrimônio público escolar, bem como, conscientizar a importância da instituição para a sociedade como um todo.

3.1 A FILOSOFIA COMO POSSIBILIDADE

Apresenta-se a filosofia diante da discussão por ela possuir algo distinto, uma peculiaridade encontrada somente nela, a característica de não se conformar com as coisas como se apresentam, nem com ideias engessadas. O que por sua vez demonstra que a filosofia não aceita responder as questões que lhe são dadas de maneira imediata, sem reflexão, tão pouco aceitar ideias sem antes debatê-las e compreendê-las. “Assim, mais do que oferecer respostas definitivas, a Filosofia busca esclarecer o significado ou o sentido daquilo que está por trás das respostas e das próprias perguntas [...]” (SAVIAN FILHO, 2016, p.12).

Nessa perspectiva, para compreender a filosofia enquanto possibilidade é necessário o entendimento de que ela estando ou não dentro da escola (*lôcus* de preparação para a vida e para o trabalho), a sua importância é fundamental, porque com a peculiaridade de não se propor a dar a última resposta, mas de requerer a última pergunta, faz da filosofia algo dinâmico, que está sempre em movimento.

O movimento característico da filosofia vai ao encontro do ser humano na busca de torná-lo melhor. O melhoramento, por sua vez, vem com um processo formativo, ou seja, com uma maneira educativa, pois se não houver educação não há melhoramento, aperfeiçoamento do ser humano, porque quando se deixa de lado o dever de educar, deixa-se de lado o dever para com a perpetuação da vida em sociedade. Analogamente a filosofia também quando se esquiva da função educativa, ou seja, da formação, ela perde sua essência. A saber: “[...] toda filosofia traz, explícita ou implicitamente, um propósito formativo. Por isso, se a filosofia renunciar à *tarefa formativa* não só a própria filosofia, como também a educação perderá o seu sentido [...]” (CHITOLINA, 2015, p. 157).

O sentido que a filosofia traz como possibilidade de mudança de uma determinada realidade, está relacionado ao caráter formativo. Dito de outro modo, a formação humana proposta pela filosofia tem implicações éticas entre o ser humano e o meio no qual vive, porque é por meio da filosofia que se aprende a viver, uma vez que ela exige coerência entre o que se pensa (conhece) e o que faz (CHITOLINA, 2015, p. 173).

O fazer da filosofia diferentemente das outras áreas do saber busca encorajar, estimular o pensamento contrário ao que está dado, estabelecido pelas conversões sociais, pelos costumes do senso comum, pois é do estilo da filosofia buscar ir além da experiência imediata para descobrir o mundo e suas especificidades. Compreender qual o sentido da realidade e da existência humana. Por esse motivo é pela busca de sentido para a vida do ser humano que a filosofia ultrapassa todas as barreiras ideológicas e dos preconceitos se propondo como possibilidade a todos que a ela queiram se enlaçar. Em outras palavras, “[...] o aprendizado da filosofia não é uma questão de idade, mas de oportunidade [...]” (CHITOLINA, 2015, p. 185).

Assim, havendo oportunidade para o exercício filosófico, a probabilidade de mudança se tornará mais acessível, uma vez que a filosofia não se apresenta como um lugar de passagem, mas sim de permanência, ou seja, quem adere à filosofia leva uma vida toda para compreendê-la e, talvez uma vida seja pouca para entender toda a dimensão da filosofia. (CHITOLINA, 2015, p. 185).

Para além do que já foi apresentado, a filosofia possui outra característica que mostra o quanto ela é necessária para possibilitar o debate e a reflexão. A desconstrução conceitual, neste caso, é a particularidade da filosofia que possibilita se posicionar de outra maneira, para buscar compreender o modo como o problema está sendo encarado e, a partir dele, procurar resolver algumas questões, por exemplo, a falta do sentimento de pertença referente ao ambiente escolar por parte de alunos e professores. Em outras palavras, é preciso, a partir da perspectiva filosófica, desconstruir os estereótipos que estão arraigados aos patrimônios públicos escolares, para depois demonstrar as possibilidades de como preservá-los.

A desconstrução em filosofia não deve ser entendida como algo depreciativo, ou seja, como uma postura que procura destruir determinadas coisas, conceitos, modo de pensar, de ser, de agir, sem propor nada em troca. Mas, em sentido oposto, ou seja, no sentido de decompor (desconstruir, desmontar), para seguir um processo de compreensão, de entendimento. Em outras palavras, para se tornar possibilidade de abertura de diálogo para a resolução de problemas, a filosofia, na busca de um consenso, afasta falsas crenças e opiniões. Desse modo, a desconstrução exercida pela filosofia é na verdade uma reconstrução daquilo que, num primeiro momento, fora separado e

analisado, daí o reaproveitamento, a reciclagem daquilo que é útil para a formulação de novos conceitos e projetos.

A formulação de novos conceitos e projetos, fruto da desconstrução conceitual das falsas opiniões tem haver com o espanto diante da realidade (a degradação do patrimônio público escolar, por exemplo). O espanto diante da depredação escolar é resultado de uma postura filosófica que a o se encontrar diante dessa realidade, investiga uma maneira de entendê-la. Em outras palavras, a vontade de explicar o porquê das coisas, firma a filosofia como possibilidade de transformação da própria realidade.

O exercício filosófico, a partir do processo de desconstrução, reconstrói o pensamento, depois de ter conhecido seus elementos constitutivos para assim, justificar sua nova formulação. Se a reconstrução tiver partes frágeis, o exercício filosófico pode fortalecer melhorando-a enquanto conjunto. Desse modo, a filosofia se mostra mais que um simples exercício de perguntar. “[...] Ela pode fazer propostas para exprimir o modo como percebemos o mundo e a nós mesmos” (SAVIAN FILHO, 2016, p. 20).

Pelo fato de se interessar pela totalidade das coisas, isto é, por buscar não o conhecimento de tudo, mas do todo, a filosofia não tem um campo próprio de investigação, porque ela nasce da experiência do ser humano. Em outras palavras:

[...] A Filosofia, porém, diferentemente de todos os saberes, pode se interessar por tudo, com a especificidade de que ela se debruça sobre o modo como os saberes justificam suas afirmações. Em outras palavras, a Filosofia interessa-se por todas as produções humanas as visões de mundo e as ações (SAVIAN FILHO, 2016, p. 20).

Assim sendo, mais que perscrutar a realidade e levantar possibilidades de entendimento é defender com argumentos sólidos as propostas de mudanças levantadas. Nessa perspectiva vale indagar, como a filosofia pode estar contribuindo para sanar um problema que atinge muitas pessoas? Como é o caso da depredação do patrimônio público escolar. E ainda, por onde começar? Ou seja, qual o referencial de pensamento que a filosofia pode apontar como retomada de apoio?

Talvez, a partir dos estudos de especialistas, seja possível compreender algumas questões que inspire formular propostas de respostas, ou pelos menos,

atividades para enfrentar o problema da depredação escolar, uma vez que, a filosofia seja compreendida como fundamento da formação do homem.

3.2 A FILOSOFIA ENQUANTO FUNDAMENTO DA FORMAÇÃO HUMANA

Para compreender a filosofia enquanto base de formação humana, se faz necessário entender que filosoficamente para dar um passo adiante, às vezes, é necessário dar alguns passos atrás. Dito de outra forma, acaso se queira propor uma maneira de educar é preciso aprender com quem soube formar, ou seja, da mesma maneira que se aprende a pensar com quem soube pensar bem, de tal forma se aprende a educar com quem deixou um legado de formação para a humanidade.

Retomar os pensadores do passado não é regredir na maneira de pensar, mas refazer os passos dos antigos com as lentes do presente para entender como é possível formar o ser humano na sua totalidade, como foi o caso da *paidéia* grega.

Segundo estudiosos, quando um povo atinge o auge do seu desenvolvimento, ele se volta impreterivelmente para a questão da educação, ou seja, para a conservação e a transmissão daquilo que há de melhor no espírito daquela comunidade. Pois, com a mudança das coisas, mudam-se os indivíduos, embora homens e animais em suas acepções físicas permanecem tal e qual. Por meio da procriação perpetuam suas espécies, porém, apenas o ser humano consegue transcender e propagar a sua forma de vida social e espiritual por meio da educação, através da vontade e da racionalidade. (JAEGER, 1994, p. 03).

Tal educação permite ao ser humano uma auto-descoberta possibilitando assim melhores relações consigo mesmo e com o ambiente exterior, dessa forma “[...] a educação não é uma propriedade individual, mas pertence por essência à comunidade. O caráter da comunidade imprime-se em cada um dos membros e é no homem [...] muito mais que nos animais, fonte de toda ação e de todo comportamento” (JAEGER, 1994, p. 4).

Nesse sentido, a força do coletivo no intuito de educar (formar) os seus membros exerce maior influência do que em qualquer outra atividade humana, seja ela no que diz respeito ao desenvolvimento físico ou estético, porque toda educação é o esforço somado da consciência viva em conformidade com as normas regente de uma sociedade. Neste sentido, lê-se:

A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade. À estabilidade das normas válidas corresponde a solidez dos fundamentos da educação. Da dissolução e destruição das normas advém a debilidade, a falta de segurança e até a impossibilidade absoluta de qualquer ação educativa. Acontece isto quando a tradição é violentamente destruída ou sofre decadência interna. [...] (JAEGER, 1994, p. 4).

De acordo com essa perspectiva, acaso seja perdido o aspecto tradicional, no sentido cultural do termo, “[...] entendemos assim por cultura a totalidade das manifestações e formas de vida que caracterizam um povo [...] (JAEGER, 1994, p. 8), perde-se qualquer forma de tentativa de desenvolvimento espiritual formativo.

Com isso, se entende que talvez a falta de zelo, o sentimento de não pertencimento, a indiferença frente ao patrimônio público escolar seja o resultado do desaparecimento do cuidado com a preservação daquilo que é crucial para a formação do ser humano como a cultura, e até mesmo o próprio projeto de educação de uma sociedade.

O afã para encontrar respostas em meio a todo o frisson causado pelas novas tendências educativas leva muitos educadores a perderem o rumo, ficar sem caminho, embora ter um caminho não quer dizer seguir uma direção, pois esta implica ter uma finalidade, um objetivo para não se perder em meios aos atalhos dos caminhos. E, mesmo que se queira trilhar novos caminhos é importante, num primeiro momento, conhecer os já trilhados para adquirir experiência para só depois se lançar a novos e, quem sabe abrir novas estradas.

Neste sentido, “[...] é preciso, por profunda necessidade histórica, voltar os olhos para as fontes de onde brota o impulso criador do nosso povo [...] em que o espírito grego [...] deu forma à vida palpitante que ainda em nossos dias se mantém [...]” (JAEGER, 1994, p. 9).

Isso porque, o mundo grego é uma espécie de espelho que ainda reflete o esplendor de uma forma de educação que tem por finalidade formar o ser humano na sua totalidade, uma vez que “[...] a importância universal dos Gregos como educadores deriva da sua nova concepção de lugar do indivíduo na sociedade [...]” (JAEGER, 1994, p. 9).

Atualmente o lugar do indivíduo na sociedade, talvez não esteja definido pela velocidade com que as coisas mudam, se transformam. Os avanços tecnológicos, o aumento na produção de bens de consumo, o consumismo, a busca desenfreada por um padrão estético deixam os indivíduos sem referencial, pois quando se pensa que já foi alcançado o modelo ideal de pessoa, de sociedade de sistema financeiro, surgem outros turbilhões de coisas que fragmentam o ser humano, e este não se encontra em lugar algum.

Ao passo que com os gregos, a caracterização enquanto referência educativa está pautada nos valores que eles souberam atribuir ao indivíduo, ou seja, uma valoração do homem, que é se não outra coisa que a própria noção de dignidade humana.

A partir disso, se compreende a grandeza do patrimônio cultural deixado pelos gregos, no que se refere ao refinamento da criação abstrata da lógica, da retórica, da literatura, da matemática, da música tão rica e importante até os dias atuais. Porém, a criação grega que mais se destaca dentre o legado dos gregos é a filosofia, por ser a mais bela criação e manifestação do espírito. Lê-se:

[...] Nela se manifesta da maneira mais evidente a força que se encontra na raiz do pensamento e da arte grega, a percepção clara da ordem permanente que está no fundo de todos os acontecimentos e mudanças da natureza e da vida humanas. Todos os povos criaram o seu código de leis; mas os Gregos buscaram a "lei" que age nas próprias coisas, e procuraram reger por ela a vida e o pensamento do homem. O povo grego é o povo filosófico por excelência [...] (JAEGER, 1994, p.12).

Por essa razão, a busca de referência se faz necessária junto aos gregos, porque foram eles que procuraram uma organização na qual pudessem conciliar o indivíduo à sociedade a partir de uma perspectiva cosmológica. É com os gregos que se percebe que o processo educativo está relacionado a um caráter formativo, que tem por escopo a criação (formação) do homem vivo. Lê-se:

Colocar estes conhecimentos como força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras, é uma idéia ousada e criadora que só podia amadurecer no espírito daquele povo artista e pensador. A mais alta obra de arte que o seu anelo se propôs foi a criação do Homem vivo. Os Gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de construção consciente. (JAEGER, 1994, p. 13).

Para além, essa construção consciente ultrapassa a barreira do individualismo, o “eu” grego nada tem haver com questões subjetivas, individualistas. A noção de homem vai além do indivíduo e se configura como ideia dando dignidade ao ser humano, os quais são modelados, a partir de uma educação, por meio das normas da comunidade. (JAEGER, 1994, p. 15). Dito de outra forma, o homem grego não é fora da comunidade, pois é na sociedade que ele encontra sua razão de ser, para melhor entendimento lê-se:

Este ideal de Homem, segundo o qual se devia formar o indivíduo, não é um esquema vazio, independente do espaço e do tempo. É uma forma viva que se desenvolve no solo de um povo e persiste através das mudanças históricas. [...] O povo grego transmitiu, sem dúvida, à posteridade, de forma imorredoura, um tesouro de conhecimentos imperecíveis [...] (JAEGER, 1994, p. 15).

Percebe-se, a partir de então, que o homem grego é um ser político, sua formação é voltada para a vida na *Polis*, não há na sua educação um conjunto rigoroso de técnicas desenvolvidas para a formação individual e independente, mas o contrário sua formação deve ser, toda ela, voltada em função da cidade, ou seja, do coletivo.

O que por sua vez, ajuda a compreender a importância de se retomar o espírito grego para refletir acerca do descaso para com os patrimônios públicos. Pois, diante de problemas que desafiam o ser humano contemporâneo e o impele para buscar respostas, cabe a ele refazer o caminho de volta, por meio da perspectiva filosófica, até os clássicos, uma vez que é necessário fazer essa reflexão. A saber, lê-se:

[...] quando a nossa cultura toda, abalada por uma experiência histórica monstruosa, se vê forçada a um novo exame dos seus próprios fundamentos, propõem-se outra vez à investigação da Antiguidade o problema, último e decisivo para o nosso próprio destino, da forma e do valor da educação clássica. [...] (JAEGER, 1994, p. 20).

Isso ajuda a entender porque ao longo dos séculos a Antiguidade Clássica, sempre esteve como uma fonte inexaurível de cultura e de saber, “[...] quer no sentido de uma dependência material e exterior, quer no de um mundo de protótipos ideais [...]” (JAEGER, 1994, p. 19). Pois, foram os que buscaram educar (formar) o homem vivo, na sua inteireza.

Com base nessa demonstração, da filosofia enquanto fundamento da formação humana que remonta desde os gregos. É que se busca elaborar uma proposta de atividade para ser aplicada no Ensino Médio, no intuito de que não só os alunos, mas também os professores possam compreender a dimensão da intencionalidade (da tarefa a ser desenvolvida) que é trazer à consciência a importância de se preservar o patrimônio público escolar.

A partir de uma prática didática, se procura não só trazer para o presente uma maneira de pensar, mas sobretudo, levar a refletir sobre a maneira de como o ser humano de hoje se comporta diante da sociedade em vive.

4. PRÁTICA DIDÁTICA

Nas seções anteriores buscou-se apresentar, de certo modo, os fundamentos necessários para elaboração de uma atividade reflexiva e prática em filosofia. Na primeira seção se expôs o quadro de depredação encontrado nas escolas públicas estaduais, causado por vandalismo, da parte de muitos alunos, bem como, produto da indiferença da parte de alguns professores.

Na segunda seção, buscou-se fomentar a importância da filosofia enquanto modalidade de saber que convida não só alunos e professores, mas toda a comunidade escolar à reflexão acerca do desmazelo, do descuido com um bem que é de todos e, que serve de lugar de formação cidadã. E ainda, demonstrar a importância da filosofia enquanto saber de formação, ou seja, a relação da filosofia com a prática educativa, fazendo uma retomada do pensamento Antigo para compreender que, quer queira quer não a contemporaneidade é herdeira do legado grego.

Em síntese, foi levantado o problema da depredação do patrimônio público escolar e apresentado a filosofia enquanto modalidade de saber que possibilite a reflexão para uma tomada de postura transformadora da realidade.

Nesta seção, o objetivo é detalhar o passo a passo de uma atividade filosófica que se subdivide-se em duas etapas, uma reflexiva que tem como base de apoio a leitura e a interpretação do texto “*Oração fúnebre de Péricles*”¹, e outra prática, que tem por escopo a transformação do quadro de depredação do patrimônio público escolar pautado nas ideias extraídas do texto filosófico.

4.1 PRIMEIRA ETAPA: A REFLEXÃO

Antes de detalhar o passo a passo desta atividade, que pode se prolongar por um trimestre inteiro, além dos desdobramentos que podem surgir. Faz-se necessário esclarecer algumas questões que poderão, talvez, garantir o sucesso da aplicação deste exercício junto aos alunos.

¹ A versão utilizada para esta atividade encontra-se em: TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**; Prefácio de Helio Jaguaribe; Trad. do grego de Mário da Gama Kury. 4º ed. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001 - (Clássicos IPRI, 2), pp. 107-114.

Em primeiro lugar ilustrar que esta atividade pode ser aplicada para alunos do segundo ano do Ensino Médio, pelo fato de se perceber, a partir das Diretrizes Curriculares da Educação Básica para a Rede Estadual do Paraná (DCE), que nesta etapa do Curso do Ensino Médio, os estudantes têm contato com as áreas da Ética e da Política, bem como, por já terem afinidade com alguns conceitos próprios da filosofia.

Num segundo, se possível, dispor a organização da sala em formato circular para melhor envolvimento dos alunos numa espécie de inclusão para que nenhum deixe de dar sua contribuição, pois, esse formato nas perspectivas de pesquisadores, torna o espaço da sala de aula um ambiente propício ao debate. A saber, lê-se:

[...] A sala de aula mais tradicional com a escrivaninha do professor na frente e os alunos sentados em fileiras ordenadas voltados para o professor transmite certas mensagens relativas ao poder e à autoridade na sala. É recomendável sentar-se em círculo sempre que seja possível e apropriado. Esse arranjo físico acaba estimulando a colaboração entre as crianças, ajuda-as a se concentrarem mais no tema e permite o pleno contato visual. [...] (KOHAN & WAKSMAN, 2000, p. 29).

A terceira e última orientação refere-se ao estado de espírito do professor filósofo. Pois, antes de propor essa atividade, que tem por finalidade a transformação de uma determinada realidade no ambiente da escola, é imprescindível que o professor esteja entusiasmado e disposto a repassar tal entusiasmo aos alunos, para que no decorrer do processo não haja o desânimo que culmine no abandono da atividade. E, embora surjam as vicissitudes, que isso não seja obstáculo para não dar cabo do projeto.

Ao dar início a atividade, certificar-se de que todos os alunos da classe possuem uma cópia do texto “*Oração fúnebre de Péricles*”, é fundamental para garantir que todos acompanhem a leitura. Para dar início a leitura se começa pelo parágrafo trinta e quatro (§ 34), no qual lê-se:

No curso do mesmo inverno os atenienses, **segundo um costume de seus antepassados**, celebraram a expensas do tesouro os ritos fúnebres dos primeiros concidadãos vítimas desta guerra. A cerimônia consiste no seguinte: os ossos dos defuntos são expostos num catafalco durante três dias, sob um toldo próprio para isto, e os habitantes trazem para os seus mortos as oferendas desejadas; no dia do funeral ataúdes de cipreste são trazidos em carretas, um para cada tribo, e os ossos de cada um são postos no ataúde de sua tribo; um ataúde vazio, coberto por um pálio, também é levado em procissão, reservado aos

desaparecidos cujos cadáveres não foram encontrados para o sepultamento. **Todos os que desejam, cidadãos ou estrangeiros, podem participar da procissão fúnebre**, e as mulheres das famílias dos defuntos também comparecem e fazem lamentações; os ataúdes são postos no mausoléu oficial, situado no subúrbio mais belo da cidade"; lá são sempre sepultados os mortos em guerra, à exceção dos que tombaram em Maratona que, por seus méritos excepcionais, foram enterrados no próprio local da batalha. Após o enterro dos restos mortais, um cidadão escolhido pela cidade, considerado o mais qualificado em termos de inteligência e tido na mais alta estima pública, pronuncia um elogio adequado em honra dos defuntos. Depois disso o povo se retira. São assim os funerais e durante toda a guerra [...] Péricles filho de Xântipos foi escolhido para falar [...] (TUCÍDEDES, 2001, p. 107, grifo nosso).

A partir desse fragmento é possível trabalhar, por meio de uma perspectiva histórica, os costumes da época, bem como a forma das cerimônias pela qual se homenageavam os mortos em batalha. A esse respeito pode-se abrir um espaço para que os alunos possam estar descrevendo como são os ritos fúnebres a partir da sua experiência de vida, por meio das seguintes questões:

- ✓ Quais são os costumes que herdamos dos nossos antepassados?
- ✓ Como são os ritos fúnebres atualmente?

Após um breve momento de discussão, é importante dar continuidade no processo de leitura e reflexão do texto. No parágrafo seguinte (§ 35), Péricles dá início a seu discurso para todos aqueles que acompanham o rito fúnebre. Mas, é no parágrafo trinta e seis (§ 36) que o orador introduz ideias que podem ser trabalhadas de várias formas, ou seja, os elementos evocados pelo discursador têm seu valor até os dias e hoje, na medida em que se é valorizado a memória dos antepassados. Lê-se:

Falarei primeiro de **nossos antepassados**, pois é justo e ao mesmo tempo conveniente, numa ocasião como esta, dar-lhes este lugar de honra rememorando os **seus feitos**. Na verdade, perpetuando-se em nossa terra através de gerações sucessivas, eles, por seus méritos, não - la transmitiram livre até hoje. Se eles são dignos de elogios, **nossos pais** o são ainda mais, pois aumentando a herança recebida, constituíram o império que agora possuímos e a duras penas **nos deixaram este legado**, a nós que estamos aqui e o temos. Nós mesmos aqui presentes, muitos ainda na plenitude de nossas' forças, contribuimos para fortalecer o império sob vários aspectos, e demos à nossa cidade todos os recursos, tornando-a auto-suficiente na paz e na guerra. Quanto a isto, quer se trate de feitos militares que nos proporcionaram esta série de conquistas, ou das ocasiões em que nós ou nossos pais nos empenhamos em repelir as investidas guerreiras tanto bárbaras quanto helênicas, pretendo silenciar, para não me tornar repetitivo aqui diante de pessoas às quais nada teria a ensinar. Mencionarei inicialmente os princípios de conduta, o regime de governo e os traços de caráter graças aos quais conseguimos chegar à nossa

posição atual, e depois farei o elogio destes homens, pois penso que no momento presente esta exposição não será imprópria e que todos vós aqui reunidos, cidadãos e estrangeiros, podereis ouvi-la com proveito. (TUCÍDEDES, 2001, pp. 108-109, grifo nosso).

O fragmento acima traz elementos suficientes para dar embasamento para a segunda etapa desta atividade que será tratada mais adiante, uma vez que, nas partes em destaque é possível notar a ênfase dada por Péricles para os seus ancestrais. Demonstrando a importância deles para aquele momento histórico. E ainda, pode-se trabalhar a noção de manutenção dos bens herdados pelos pais, bem como a ampliação, ou seja, o melhoramento daquilo que ficou a cargo da posteridade.

A seguir, conforme a estrutura do discurso descrita por Péricles, a democracia é o regime de governo apresentado como aquele que possibilita a igualdade entre os cidadãos. Lê-se:

Vivemos sob uma forma de governo que não se baseia nas instituições de nossos vizinhos"; ao contrário, servimos de modelo a alguns ao invés de imitar outros. **Seu nome**, como tudo depende não de poucos mas da maioria, **é democracia. Nela**, enquanto no tocante às leis **todos são iguais para a solução de suas divergências privadas**, quando se trata de escolher (se é preciso distinguir em qualquer setor), **não é o fato de pertencer a uma classe, mas o mérito, que dá acesso aos postos mais honrosos**; inversamente, a pobreza não é razão para que alguém, sendo capaz de prestar serviços à cidade, seja impedido de fazê-lo pela obscuridade de sua condição. Conduzimo-nos liberalmente em nossa vida pública, e não observamos com uma curiosidade suspicaz a vida privada de nossos concidadãos, pois não nos ressentimos com nosso vizinho se ele age como lhe apraz, nem o olhamos com ares de reprovação que, embora inócuos, lhe causariam desgosto. **Ao mesmo tempo que evitamos ofender os outros em nosso convívio privado, em nossa vida pública nos afastamos da ilegalidade principalmente por causa de um temor reverente, pois somos submissos às autoridades e às leis, especialmente àquelas promulgadas para socorrer os oprimidos e às que, embora não escritas, trazem aos transgressores uma desonra visível a todos.** (TUCÍDEDES, 2001, p. 109, grifo nosso).

A partir do fragmento citado, pode-se tratar sobre a importância atribuída à democracia diante das outras formas de governo, uma vez que a sua consolidação depende da maioria. Deve-se apresentar a importância do coletivo em relação ao individual. Bem como, a implicação ética apresentada quando se trata da observância da vida pública em relação à vida privada. Ou seja, de que para os gregos no sistema democrático a importância maior é dada ao que é feito no campo público, ao passo que a vida privada de cada cidadão diz respeito a ele mesmo.

No parágrafo seguinte (§ 38), destaque o fragmento “[...] Nossa cidade é tão importante que os produtos de todas as terras fluem para nós, e ainda **temos a sorte de colher os bons frutos de nossa própria terra** com certeza de prazer não menor que o sentido em relação aos produtos de outras.” (TUCÍDEDES, 2001, p. 109, grifo nosso). Para se refletir acerca da importância que deve ser atribuída àquilo que é feito, produzido na própria sociedade local. Estender o entendimento sobre a importância de fazer coisas boas no lugar em que se vive.

Mais a diante, no parágrafo quarenta (§ 40), destaque o trecho “[...] entre nós não há vergonha na pobreza, mas a maior vergonha é não fazer o possível para evitá-la [...]” (TUCÍDEDES, 2001, p. 110). Analogamente se refira, além da pobreza, a outras coisas pela quais não se faz nada para modificar, isto é, a partir desta citação é possível trabalhar a questão da depredação do patrimônio público escolar, ou seja, de que não é menos vergonhoso estudar numa escola com carteiras pichadas e assentos quebrados do que não buscar fazer nada para melhorá-los.

Ao continuar a leitura, no mesmo parágrafo se pode destacar mais o seguinte trecho: “[...] **somos ousados para agir**, mas ao mesmo tempo **gostamos de refletir** sobre os riscos que pretendemos correr, para outros homens, ao contrário, ousadia significa ignorância e reflexão traz a hesitação [...]” (TUCÍDEDES, 2001, p. 111, grifo nosso). Para tratar de questões que se referem à justa medida entre o agir e o pensar, bem como, à tomada de decisão acompanhada de um processo reflexivo, ou seja, de que para se lançar a um determinado projeto é conveniente que se pense sobre as etapas, os desdobramentos necessários para atingir o resultado almejado. Desse modo, vai-se aos poucos inculcando na mente dos alunos a importância que se deve ter com o local de estudo.

Por fim, embora o discurso de Péric les se estenda até o parágrafo quarenta e seis (§ 46), no parágrafo quarenta e quatro (§ 44) se pode destacar também, o seguinte fragmento: “[...] se sente tristeza não pela falta de coisas boas que nunca se teve, mas pelo que se perde depois de ter tido [...]” (TUCÍDEDES, 2001, p. 113). Para refletir sobre a importância de preservar e fazer a manutenção constante daquilo que se tem, seja no campo privado ou no que confere ao uso comum, que se destaque a escolar principalmente, por ela ser um lugar por onde passam diversas gerações.

Após a leitura e reflexão do texto, propõem-se aos alunos a seguinte questão:

- ✓ Depois da leitura e reflexão do texto “*Oração fúnebre de Péricles*”, pense no legado que você pretende deixar para a escola depois de tantos anos de utilização desse espaço. Ou seja, pelo o quê você gostaria de ser lembrado no que se refere à sua vida de aluno neste colégio?

A partir de então, se propõem a segunda etapa da atividade, de forma prática, que visa auxiliar os estudantes a encontrar uma resposta para a questão levantada.

4.2 SEGUNDA ETAPA: A PRÁTICA

Nesta etapa o objetivo é encontrar uma realidade do ambiente escolar que se encontra, de certo modo, abandonada para, a partir da concepção de legado, buscar transformá-la. Para tanto, esta fase se inicia com a aula do tipo Peripatética. Faz-se necessário retomar a história da filosofia e ilustrar com a maneira de como Aristóteles, ministrava suas lições caminhando entre um jardim e outro no Liceu. A saber, lê-se:

Finalmente, em 335/334 a.C., Aristóteles voltou para Atenas, alugando alguns prédios próximos a um pequeno templo sagrado dedicado a Apolo Lício, de onde provém o nome “Liceu” dado à Escola. E como Aristóteles ministrava seus ensinamentos passeando pelas veredas do jardim anexo aos prédios, a escola também foi chamada de “Peripato” (do grego *peripatós*, “passeio”), e seus seguidores denominados “peripatéticos”. [...] (REALE & ANTISERI, 2007, p. 189) .

Para dar início, os alunos devem ser instruídos em classe, sobre a questão do barulho, para que ao saírem da sala não perturbem a concentração dos demais alunos, nas outras aulas. Neste momento é necessário fomentar a importância de cada aluno está provido de caderno e caneta para tomarem nota durante o percurso da aula.

Depois de devidas instruções deve-se deixar a sala, certificando-se de trancar a porta, para evitar furtos nos pertences dos alunos. Pode-se iniciar o “passeio” pelo lado de fora da escola, se possível rodeando o colégio, tendo em

vista o cuidado e a atenção com os estudantes para que estes não se dispersem, bem como, para evitar qualquer tipo de acidente de trânsito.

Durante a volta ao redor do quarteirão da escola e posteriormente dentro do ambiente escolar, deve-se sugerir aos alunos para que tomem anotações de tudo aquilo que se apresente de forma irregular que demonstra a falta de cuidado com a escola. Abaixo segue uma lista de realidades possíveis de serem encontradas, para servir de guia na hora da orientação.

- ✓ Lugares sem lixeiras;
- ✓ Lixeiras danificadas;
- ✓ Sem lixeiras seletivas;
- ✓ Calçadas danificadas;
- ✓ Calçadas sem rampa de acesso para pessoas portadoras de necessidades especiais;
- ✓ Muros quebrados e pichados;
- ✓ Falta de sinalização de trânsito ao redor da escola;
- ✓ Bueiros entupidos;
- ✓ Mato alto nas calçadas;
- ✓ Terrenos (datas) abandonados próximo ao colégio;
- ✓ Falta de iluminação pública;
- ✓ Falta de paisagismo dentro do ambiente escolar;
- ✓ Carteiras pichadas e quebradas;
- ✓ Lousas pintadas de corretivos;
- ✓ Fossas abertas;
- ✓ Calhas quebradas;

Após a caminhada, organiza-se os alunos em pequenos grupos dentro de sala para se fazer o levantamento dos pontos comuns das observações de cada um, ou seja, pede-se que um membro da equipe elenque aquilo que não passou despercebido por nenhum dos colegas. Em seguida, rec olhe-se de cada grupo os devido apontamentos e se organiza de maneira sistemática na lousa, para que se escolha por meio de votação a exigência (a realidade a ser mudada) mais importante para o momento.

Independente da realidade de cada escola, o importante é levar os estudantes a pensarem numa forma de tornar melhor a realidade em que vive. Pois, a partir das observações, muitos entenderão que o estado de depredação

em que se encontra o patrimônio público o escolar é resultado de uma série de atos de vandalismo, bem como, de posturas indiferentes em relação ao colégio.

Para buscar sanar a indiferença em relação ao patrimônio público, faz-se necessário conduzir uma espécie de votação, numa perspectiva democrática, para a escolha do projeto, a partir do levantamento feito, a ser desenvolvido pela turma, seja o projeto partindo de uma simples confecção de lixeiras à criação de um jardim suspenso feito de paletes e pneus no muro da escola, bem como a montagem de uma horta orgânica, ou pinturas (grafites).

Todavia, é importante ressaltar que a atividade deve ter um prazo a ser cumprido, ou seja, demonstrar a coerência que deve haver entre ousadia e reflexão conforme foi estudado no texto da primeira etapa da atividade. Deve-se explicar os prós e os contras de um projeto no que tange aos materiais a serem utilizados, aos custos financeiros, ao tempo de execução, entre outros fatores. Para que tanto o professor quanto os alunos não sejam pegos de surpresas e, prejudiquem o desdobramento da atividade.

Orienta-se que sempre se comece por projetos pequenos, de fáceis execuções, não para que o processo de preservação do patrimônio público escolar seja algo aparente, mas para que os alunos aos poucos se envolvam mais com a escola e que, a partir dessa interação comece a sugerir maiores transformações. Ou seja, se proponham a projetos mais ousados, para que dessa forma, também possa haver a interação da disciplina de filosofia com as outras matérias, numa perspectiva multidisciplinar. Neste sentido deve-se sempre retomar as ideias do texto "*Oração fúnebre de Péricles*", para estar reforçando a ideia de legado, ou seja, a herança dos alunos para com o colégio. Para que aos poucos a escola deixe de ser um lugar para se passar o tempo, e se torne um espaço de ensino e aprendizagem, bem como de aperfeiçoamento de habilidade que a atividade possa vir a desenvolver em cada um.

E para que a atividade não se restrinja somente à parte lúdica, ou seja, a prática manual recreativa, pode se propor ao término, um diálogo avaliativo, buscando instigar nos alunos o desejo de se autoavaliar procurando dar sentido para aquilo que foi desenvolvido durante a atividade. Recomenda-se também que o professor filósofo, não deixe de dar sua contribuição acerca da experiência vivida, bem como atribuir nota para o trabalho desenvolvido pela turma durante o trimestre.

5. CONCLUSÃO

O problema da depredação do patrimônio público escolar é uma realidade que se estende desde escolas em lugares longínquos de difícil acesso, aos colégios em grandes centros urbanos. Realidade que tem chamado a atenção de especialista e se tornado objeto de estudos de várias áreas do conhecimento. Enquanto pertencentes a essa realidade, não se ficou indiferente. Buscou-se propor uma forma de intervenção para mudança, ou pelo menos uma maneira de amenização do problema.

Foi necessário assumir uma postura crítica e debruçar-se sobre o assunto para entender os motivos do abandono daquilo que é comum e tido como um bem, pelo menos conceitualmente, para todos aqueles que são dirigidas a interpelação sobre a função e o valor escola.

Com base nas respostas percebeu-se a incoerência entre o conceito e a realidade, ou seja, entre o discurso e a prática. O que levou à redação da primeira seção, que teve senão outra intenção a de demonstrar o quadro degradante no qual o patrimônio público escolar se encontra.

Percebeu-se, a partir da análise de estudos já levantados, que o vandalismo por parte de muitos alunos tem se tornado rotina no ambiente escolar. A disputar por demarcação de território por meio de pichações e outros tipos de registros, é uma das formas mais comuns de depredação. Quando não se tem onde mais “pintar” parte-se para a danificação de cadeiras, extintores, televisores, aparelhos eletrônicos, entre outros.

Não há qualquer relação de pertencimento àquele ambiente por parte desse tipo de aluno, para este o que é público não se configura como se fosse de uso comum, mas se denota como se fosse de ninguém, sem se dar conta de que o custo da manutenção daquele ambiente vem dos impostos pagos pela própria comunidade na qual a escola se situa. Em outras palavras, o custo é pago por seus próprios responsáveis.

Em contrapartida, do lado docente, percebeu-se total indiferença em relação ao abandono do patrimônio público escolar, uma vez que, se for possível trabalhar em escolas com boas estruturas, as que estão depredadas são deixadas de lado, ou seja, “viram-se as costas” e jogam a culpa no sistema, sem fazer nada para mudar aquela realidade.

Para sanar tal problema a filosofia foi apresentada em seguida, por ser, não uma disciplina, mas um saber, que tem por escopo a formação do homem, para isso recorreu-se à tradição grega que sempre está como um farol indicando a reflexão acerca da própria realidade em que se vive para que a educação do ser humano não se perca em meio às várias propostas educativas atualmente desenvolvidas.

Com o seu caráter inquiridor, que não se deixa absolver pelo sistema opressor de reprodução de ensino, ou seja, uma estrutura educacional que visa não a criação intelectual, mas repetição, decoração, isto é, a reprodução mecânica do aprendizado. A filosofia instiga o professor filósofo, unido aos alunos, a proporem mudanças, melhoramentos para o local onde se deve ser *lôcus* do saber. Retomam-se os grandes ideais da filosofia antiga, pois são por meio deles que levam o ser humano a se mover na busca de concretizá-los.

Sendo assim a atividade filosófica em sala de aula, produto da terceira parte do presente trabalho, numa perspectiva prático-reflexiva torna-se a saída para muitos casos de vandalismo em relação ao patrimônio público escolar, e para a diminuição da falta de respeito de alunos para com os professores.

Pôr um fim, na questão da depredação do patrimônio público escolar, talvez, possa ser utopia, mas isso não significa que não se deva fazer nada. Daí a importância da filosofia nas escolas, pois é por meio dela que se aprende a desconfiar, a apontar onde estão os erros, a refutar o argumento opressor, bem como, a valorizar os bens comuns, a respeitar a diversidade existente no ambiente escolar, entre outros. A filosofia, mais que propor uma atividade que vise mudar, alterar determinada realidade, propõem algo para além do imediatismo, ela propõem uma mudança de comportamento, porque a filosofia não se resume a algo utilitário que garante o ganho da vida, mas propõem um modo de ser que ensina a viver.

Desse modo cumpre indagar-se, se pela postura singular, própria da filosofia, o ser humano se emancipa da ignorância, repensa sua existência, amadurece em suas relações intra e interpessoal, e passa a respeitar os bens públicos, porque de hora em hora, a permanência dela nos currículos escolares é ameaçada?

REFERÊNCIAS

BANAZSESKI, Savério Luís. Depredação do patrimônio público escolar: considerações a respeito da mudança de comportamento da comunidade escolar. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produção didático-pedagógica**, v 2. 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_fafiuv_gestao_pdp_saverio_luis_banazseski.pdf>. Acesso em: 17 de Dez. de 2017.

CHITOLINA, Claudinei Luiz. **Para ler e escrever textos filosóficos**. São Paulo/SP: Ideias & Letras, 2015.

DCES - Diretrizes Curriculares de Filosofia para a Educação Básica - Curitiba, 2006.

GARCIA, Mônica Nicida. **Dicionário de Direitos Humanos**, 2004. Disponível em:<<http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tikiindex.php?page=Patrim%C3%B4nio%20p%C3%ABlico>>. Acesso em 29 de Jan. de 2018.

JAEGER, W erner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KOHAN, W alter Omar; WAKSMAN, Vera (Organizadores). **Filosofia para crianças na prática escolar**. 3º ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**. Vol. 1, 3º ed.. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Adriane Carvalho dos. Utilização consciente do patrimônio escolar: garantia de preservação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: artigos**, v 1. 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fafipar_gestao_artigo_adriane_carvalho_dos_santos.pdf>. Acesso em: 18 de Dez. de 2017.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Filosofia e filosofias: existência e sentido**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação CALOUSTE GULBENKIAN, 1991.

SOUZA, Milena Pimenta de. **O sentimento de pertencimento à escola e a depredação do patrimônio escolar**. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-sentimento-pertencimento-escola-depredacao-patrimonio-escolar.htm>>. Acesso em: 17 de Dez. de 2017.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**; Prefácio de Helio Jaguaribe; Trad. do grego de Mário da Gama Kury. 4º ed. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: I mprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001 - (Clássicos IPRI, 2).